

LETRAMENTO DOS ESTUDANTES GUINEENSES COM RELAÇÃO À REDAÇÃO OPINATIVA ANTES DE INGRESSAREM NA UNILAB

LITERACY OF GUINEAN STUDENTS IN RELATION TO OPINION WRITING BEFORE STARTING UNILAB

Laurindo Leite Infau¹

Resumo: Este artigo é um recorte da dissertação do autor. O trabalho investigou a experiência de cinco estudantes guineenses, participantes da pesquisa, com relação ao domínio de redação opinativa antes de seus ingressos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), tendo em consideração que é o tipo de redação solicitado em exame de admissão do processo seletivo de estudantes estrangeiros da UNILAB. Metodologicamente, a natureza da pesquisa foi a de um estudo de caso com análise qualitativa. Para o procedimento de coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: a entrevista e a redação de artigo de opinião. Contudo, para este artigo foi explorada apenas a parte da entrevista, respostas de dois questionamentos da entrevista que procuraram saber do conhecimento e domínio de redação de artigo de opinião por parte do público-alvo antes de sua chegada à UNILAB. A forma de análise baseou-se na análise temática. Conforme o resultado da pesquisa, chegou-se à conclusão de que os estudantes tinham pouco domínio de produção de gênero opinativo, antes de chegarem ao Brasil, por a prática da escrita não ser corrente durante seus percursos no ensino secundário na Guiné-Bissau.

Palavras-chave: Estudantes guineenses. Letramento. Gêneros textuais. Redação opinativa.

Abstract: This work investigates the experience of five Guinean students about opinion writing before

¹ Doutorando em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB)

starting the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB), this type of writing is requested in admission exam for the selection process for foreign students at UNILAB. Methodologically, the research is a case study with qualitative analysis. Two instruments were used for the initial data collection procedure: the interview and the writing of an opinion article. However, for this text, only the interview part was explored, the answer to two interview questions about the target audience's knowledge and mastery of writing opinion articles before their arrival at UNILAB. The form of analysis was based on the thematic analysis founded by Minayo (2007). As a result, it is concluded that students have little mastery of producing opinionated genres, before arriving in Brazil, because writing practice is not recurrent during their secondary education in Guinea-Bissau.

Keywords: Guinean students. Literacy. Textual genres. Opinion writing.

Introdução

A Guiné-Bissau é um país africano que fica situada na costa ocidental da África com uma população de pouco menos de 2 milhões de habitantes. O país enfrenta sérios problemas, entre eles o de sistema educativo que é considerado um dos mais fracos da África com sucessivas greves que já levaram os alunos a perderem dois anos letivos nos últimos cinco anos.

A isso, conforme consta no relatório da UNESCO, pode se ler que: “com um profundo handicap devido aos 40 anos de instabilidade institucional, o sistema educativo da Guiné-Bissau encontra-se numa situação crítica. Aproximadamente metade das crianças em idade de escolarização obrigatória encontra-se fora da escola” (UNESCO, 2016, p.1).

O país conta com apenas uma universidade pública – Universidade Amílcar Cabral (UAC), duas faculdades – Faculdade de Direito de Bissau (FDB) e Faculdade de Medicina respectivamente, uma escola nacional de administração – Escola Nacional de Administração (ENA), escolas superiores de formações de professores e escolas do ensino médio e técnico. Na Guiné-Bissau, diferentemente do

Brasil onde os alunos não pagam as mensalidades, estudantes pagam propinas² nos cursos de graduação.

Assim, estudantes enfrentam dois principais problemas: primeiro, as vagas são limitadas com poucos cursos. Em cada curso, anualmente, ingressam aproximadamente cerca de 35 estudantes nessas instituições de ensino superior do país, lembrando que as instituições de ensino superior público do país possuem poucos cursos como acima já referido. O outro problema é o pagamento da propina, levando em consideração que a maioria da família guineense vive em pobreza, sem condições de pagar mensalidades da universidade para seus filhos ou educandos. Aliás, um relatório da UNESCO relata que “do magro orçamento do estado [guineense], a parte consagrada à educação é uma das mais fracas de África, obrigando as famílias a cobrir a maior parte das despesas de educação do país, enquanto 70% da população vive abaixo do limiar de pobreza” (UNESCO, 2016, p.1).

Devido a esta situação de falta de acesso ao ensino superior, muitos jovens guineenses, ao terminarem o ensino secundário (equivalente ao ensino médio no Brasil), procuram sair do país para cursar graduação no exterior. Desta forma, “a formação de quadros superiores [guineenses] continua a se processar no exterior, [...], mais concretamente na Ex-União Soviética, em Portugal, Cuba, no Brasil e em alguns países africanos” (SANÉ, 2018, p.65).

Antigamente, estudantes guineenses procuravam mais estudar no Brasil por meio de edital do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), mas desde a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) estudantes guineenses concorrem mais para ingressar na referida universidade por meio do edital destinado aos estrangeiros dos países lusófonos. Todos os anos a universidade faz processo seletivo para admitir novos alunos dos países de CPLP nos cursos de graduação. A maior procura de estudantes guineenses para ingressar nesta universidade se deve, entre outros motivos, a dois principais motivos: a) A UNILAB concede mais vagas para estudantes em relação ao programa de PEC-G e outros programas internacionais que têm convênio com o governo da Guiné-Bissau na área de ensino. Em 2021, o reitor da referida universidade afirmou que

2 Propina - termo usado na Guiné-Bissau para se referir as mensalidades que se pagam nas universidades e em outras instituições de ensino.

a UNILAB é a instituição de ensino superior que possui mais estudantes guineenses no exterior, tendo mais de 600 (seiscentos) estudantes guineenses em ativo sem contar com os egressos; b) Na UNILAB, estudantes não pagam propina como na Guiné-Bissau. Como estudantes regulares recebem auxílio de 530,00 (quinhentos e trinta reais)³ para se manter no Brasil estudando e ainda têm a possibilidade de receber outras bolsas de iniciação científica, oportunidade essa que não conseguiriam no país de origem.

O trabalho investigou a experiência dos estudantes guineenses com relação à redação opinativa, levando em consideração que é tipo de redação solicitado em exame de admissão do processo seletivo de estudantes estrangeiros da Unilab. Este artigo é uma parte do resultado da pesquisa realizada com 5 estudantes guineenses de graduação da Unilab para construção da dissertação do autor que foi defendida em 2022. Metodologicamente, a natureza da pesquisa é a de um estudo de caso com análise qualitativa. No procedimento de coleta de dados exploramos apenas a parte da entrevista, resposta de dois questionamentos da entrevista.

O presente texto está estruturado em cinco seções a saber: 1) Introdução – trazemos a ideia-chave, justificativa e objetivo principal do artigo; 2) Metodologia – demonstramos o caminho que percorremos para obter os dados, instrumentos utilizados e a forma de análise; 3) Referencial teórico – nesta seção, trazemos nosso arcabouço teórico, debruçando sobre Gêneros textuais, Letramentos, Artigo de opinião e Argumentação, 4) Resultados e discussões – tecemos análises e resultados da pesquisa e por fim 5) Conclusão – concluímos com considerações finais.

Metodologia

Conforme já dissemos anteriormente, este texto é recorte da dissertação do autor. A referida dissertação foi apresentada para obtenção de grau de Mestre em Linguística Aplicada em 2022. O trabalho procurou investigar a experiência de cinco estudantes guineenses, participantes da pesquisa, com relação ao domínio da redação opinativa antes de seus ingressos na Universidade da Integração Inter-

3 Sobre o valor do auxílio de 530,00 (quinhentos e trinta reais), baseamos no conhecimento experimental do autor que foi estudante de graduação desta universidade de 2016 a 2019.

nacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), levando em consideração que é o tipo de redação solicitada em exame de admissão do processo seletivo de estudantes estrangeiros da UNILAB. Metodologicamente, a natureza da pesquisa é a de um estudo de caso com análise qualitativa onde não nos preocupamos com a quantidade de dados, mas nos detalhes fornecidos pelos participantes da pesquisa. Para o procedimento de coleta de dados, utilizamos dois instrumentos: a entrevista e a redação de artigo de opinião. Contudo, para este texto, exploramos apenas a parte da entrevista, resposta de dois questionamentos da entrevista que procuraram identificar o conhecimento e domínio de redação de artigo de opinião por parte do público-alvo antes da sua chegada à UNILAB. Para análise dos dados, recorreremos à técnica de Análise Temática (AT) que segundo Minayo (2007) é aquela que busca descobrir os principais sentidos de uma determinada comunicação, cuja frequência de um determinado termo pode ter significado importante sobre o que está sendo pesquisado.

Referencial teórico

Nesta segunda seção apresentamos a fundamentação teórica do trabalho onde trazemos algumas subseções ligadas ao nosso trabalho que entendemos pertinentes. Assim, como subseções desta seção, debruçamos sobre Gêneros textuais, Letramentos, Artigo de opinião e Argumentação.

Gêneros textuais

Conforme Koch e Elias (2016), a comunicação sempre acontece em forma de textos e os textos são constituídos por interlocutores para interagirem em uma determinada situação comunicativa. Assim, as autoras afirmam que:

Falar de texto é falar de sentido, ou melhor, de sentidos. Ainda mais quando levamos em conta que esse sentido é construído na relação que se estabelece entre autor, o texto e o leitor. Isso significa dizer que, para essa atividade, concorre uma série de conhecimentos provenientes de uma intrincada relação

envolvendo aqueles três elementos (KOCH; ELIAS, 2016, p. 18).

Desta forma, quase tudo que os homens fazem quotidianamente está estreitamente ligado ao ato de se comunicar e a comunicação concretiza-se em enunciados que podem ser “orais” ou “escritos” (BAKHTIN, 2003).

Para Bronckart “numa primeira acepção, muito geral, a noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita. Um diálogo familiar, uma exposição pedagógica, um pedido de emprego, um artigo de jornal, um romance, etc.” (BRONCKART, 1999, p. 71). Esta afirmação demonstra a dimensão imensurável de gêneros textuais. Na mesma linha de pensamento, Schneuwly (2004) pontua que gênero textual é um “instrumento complexo” que facilita o desenvolvimento de atividades das pessoas em diferentes níveis e o seu bom uso pode contribuir para moldar comportamentos de pessoas em diferentes momentos e circunstâncias de vida. Ideia essa que corrobora com Marcuschi (2008), quando o teórico afirma que os gêneros textuais tendem a organizar as atividades básicas das pessoas tornando-as em “fatos sociais” e os fatos sociais são vistos pelas pessoas como as verdades ou os princípios corretos que devem ser seguidos na e para a realização de umas certas atividades do dia a dia, e tudo isso pode-se consolidar em um discurso que molda à nossa maneira de realizar certas coisas.

Assim, concordamos que “os textos são produtos da atividade humana e, como tais, como sublinhamos no capítulo anterior, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (BRONCKART, 1999, p. 72).

A partir dos autores citados ao longo desta seção, compreendemos que os gêneros textuais fazem parte de vida quotidiano dos homens, mesmo inconscientemente, sem nunca conhecer algum gênero textual formalmente, produz-se os gêneros textuais para satisfação das atividades básicas e necessárias do dia a dia. No âmbito de ensino é muito mais relevante na medida em que, quase em todas as aulas e em suas extensões, lidamos com algum gênero textual – daí a necessidade de estudantes conhecerem diferentes gêneros textuais que circulam em seus meios.

Letramento

Considerando que o domínio das práticas de letramento na escola e assim como fora dela é importante para formação de alunos escritores assim como para outras práticas sociais locais, em geral, o que pode contribuir positivamente para estudantes guineense que buscam ingressar na Unilab. Sendo assim, neste subcapítulo, fizemos a questão de trazer concepções do termo letramento. Reconhecemos a existência de diferentes categorias de letramento, mas o nosso objetivo aqui não é de tratar dessas categorias. A nossa intenção é tão somente trazer conceitos de letramento defendidos por diferentes autores com destaque a Magda Soares e Roxane Rojo.

O entendimento de alguns profissionais docentes guineenses sobre letramento não é o mesmo que tem sido defendido por autores aqui destacados. Para muitos dos profissionais docentes guineenses, o letramento é um processo de ensino que se aplica na educação infantil e no primeiro ciclo do ensino básico para ensinar aluno a ler e a escrever apenas, limitando assim o conceito de letramento – o que se pode entender de alfabetização. Sendo assim, importa salientar que o termo letramento é muito novo no contexto de ensino guineense, sobretudo do ensino de Língua Portuguesa. Não podemos precisar exatamente quando foi referido pela primeira vez no contexto de insumo didático escolar, pois não encontramos a referência dele em material didático do país e nem em documentos oficiais que regem o sistema do ensino guineense. Mas ao que tudo indica o termo é conhecido, por alto, mais como um ato de ensino de ler e escrever dos alunos do 1º ciclo de ensino básico. Logo, da área de Educação não de ensino de línguas.

Já no contexto brasileiro, Grado (2012) nos exorta que com relação à origem de letramento, o termo surgiu no Brasil na década de 80 e se originou do inglês literacy. Surgiu assim com o intuito de demonstrar condições de grupo de indivíduos escolarizados e não escolarizados, o que vem tornando esse termo a ter maior aderência em relação ao termo alfabetismo e analfabetismo que outrora predominava para fazer distinção desses dois grupos de indivíduos numa determinada sociedade. Nesta mesma linha de pensamento, é possível perceber que:

É curioso que tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas tanto geograficamente quanto socioeconomicamente e culturalmente, a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p. 5).

Sendo assim, compreendemos que o termo letramento surgiu mais no sentido de ampliar aquela que já existia denominada de alfabetização. Visando assim ao aluno não ficar só no ato de aprender a ler e escrever, mas de ir além dominando outras práticas sociais. Aliás, “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2010, p. 437). Nesta mesma ótica é entendido que “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p. 18).

Artigo de opinião

Silva e Pinton (2019) nos exortam que o artigo de opinião é mais da esfera jornalística onde articulista busca emitir sua opinião relativamente a um determinado fato e está presente em veículos como jornais, revistas e periódicos, em suas versões online ou impressa. Nesses espaços, os produtores dos textos mobilizam as estratégias argumentativas e dialógica para dialogar e persuadir os seus leitores, de modo a impactar de forma positiva sua audiência. As respostas a esses textos geralmente ocorrem por meio de cartas de leitores, textos também argumentativos ou por meio de respostas escritas diretamente na plataforma onde é divulgado esse artigo.

Quanto à organização, a estrutura organizacional de um artigo de opinião deve, no mínimo, conter a Introdução - os parágrafos iniciais reservados para apresentar o assunto abordado e o ponto de vista defendido pelo autor; Desenvolvimento – este devendo ser o momento de apresentar argumentos

que comprovem o ponto de vista defendido e, por fim, a Conclusão – que deve apresentar uma síntese do desenvolvimento do texto e, em seguida, reiterar a tese comprovada pelos argumentos (CENPEC, 2021).

Apesar de o gênero artigo de opinião ser mais propriamente da esfera jornalística, hoje em dia, faz parte de produção escrita nas provas de admissão para ingressar em universidades, como é o caso da UNILAB. Assim:

Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola favorece o desenvolvimento da prática de argumentar, ou seja, anima a buscar razões que sustentem uma opinião ou tese. O tema do concurso – “O lugar onde vivo” – estimula a participação nos debates da comunidade, ajuda a formar opinião sobre questões relevantes e a pensar em como resolvê-las. Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão (CENPEC, 2021, p. 29).

Deste modo, o ato de saber escrever e omitir opinião de forma coesa e coerente é um exercício fundamental para os alunos. No caso de estudantes guineenses com relação a produção de artigo de opinião é extremamente importante, pois, levando em consideração que a redação de artigo de opinião é uma das principais partes da prova para o acesso aos cursos de graduação da UNILAB, é a partir de saber produzir um artigo de opinião conciso que o estudante guineense vai poder realizar o seu sonho de ingressar na UNILAB e poder opinar também textualmente em diferentes momentos, quando for necessário.

Argumentação

Reconhecemos que existem várias tendências argumentativas, mas não tratamos dessas tendências argumentativas nesta seção. Assim, limitamos apenas a falar de concepções de argumentação em si a partir de autores do nosso aporte teórico.

O ato de argumentar começa desde cedo em nossas vidas, antes mesmo de iniciarmos estudos no ensino básico. É por meio de argumentação que procuramos convencer os nossos pais sobre um

determinado assunto. É a partir de argumentação que, muitas vezes, conseguimos algo com os nossos irmãos em casa e com os colegas e amigos na rua. Assim, a argumentação nos acompanha desde criança à vida adulta. São os argumentos que utilizamos em uma prova para convencer o professor de que estamos certos em relação a resposta de prova. Usamos argumentos também para justificar as nossas faltas na escola e em outros encontros, na entrevista do emprego, na entrevista para ingressar em uma universidade e assim por diante (KOCH; ELIAS, 2016).

Assim, acreditamos de que “[...] dessa forma, argumentação é um termo que se refere tanto a esse ato de convencimento quanto ao conjunto de recursos utilizados para realizá-lo” (CENPEC, 2021, p. 45). Ademais, “Se o uso da linguagem se dá na forma de textos e se os textos são constituídos por sujeitos em interação, seus querer e saberes, então, argumentar é humano” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 23). Partindo desse pressuposto, concordamos com as autoras quando dizem que: “argumentar é a atividade discursiva de influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos. A constituição desses argumentos demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação de raciocínio que será ordenado em defesa da tese ou ponto de vista” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 24).

Desta maneira, em um contexto mais amplo, compreendemos que argumentação é algo natural dos seres humanos. Utilizamos argumentos para defender o nosso ponto de vista em diferentes momentos e circunstâncias de vida. No caso de escrita, é no gênero artigo de opinião que, muitas vezes, podemos observar essa manifestação na sua forma mais nítida para convencer o nosso interlocutor. Assim, no plano da escrita corroboramos a ideia de que:

Quando o agente produtor considera que um aspecto do tema que expõe é contestável (a seu ver e/ou ao do destinatário), tende a organizar esse objeto de discurso em uma sequência argumentativa. Podemos admitir ainda que o agente-produtor pode considerar, às vezes, que o objeto de discurso arrisca-se a ser, ao mesmo tempo, problemático e contestável para o destinatário e, nesse caso, produz um segmento que combina sequências explicativas e argumentativas (BRONKART, 1999, pp. 234 – 235).

A partir do exposto, podemos inferir que na escrita do artigo de opinião autor utiliza os ar-

gumentos não só para convencer, mas porque parte de ideia de que o que escreve é algo polêmico que pode ser negado por interlocutores. Assim, chegamos à conclusão de que a argumentação é algo natural que aprendemos a proferir desde casa, quando ainda pequenos, mais tarde passamos a utilizá-la nas produções escritas e em outros momentos formais para convencer as pessoas.

Resultados e discussão

Como já dissemos, este artigo é recorte da dissertação defendida para obtenção do grau de mestre de um dos autores deste trabalho. A pesquisa foi realizada com 5 estudantes guineenses dos cursos de graduação da Unilab, de entre 3º a 6º semestre, e a idade dos participantes compreende entre 23 a 26 anos de idade. Neste artigo trabalhamos somente com as respostas de dois questionamentos da entrevista inicial. Estes dois questionamentos procuram saber do conhecimento e domínio da redação de gêneros textuais por parte de estudantes-participantes antes de seus ingressos na Unilab. A técnica de análise das respostas da entrevista está baseada na teoria de análise temática, entendida como aquela que visa descobrir os principais sentidos que compõem uma comunicação, seja ela oral ou escrita, cuja frequência de um determinado termo pode ter significado relevante acerca do que se pretende analisar, permitindo, assim, organizar os resultados de uma forma sintética e precisa (MINAYO, 2007).

Quais são os gêneros textuais que você já conhecia e dominava escrever antes da sua chegada à UNILAB?

Participante 1: Antes de eu vir para cá, eu já conhecia vários gêneros textuais entre os quais: o narrativo, o descritivo, o dissertativo, o expositivo e o injuntivo. Porém, eu gostava mais do gênero textual narrativo, porque foi este o mais ensinado na escola. Lembro-me sempre dos meus professores da língua portuguesa em todos os níveis, eles gostavam mais de trazer conteúdos voltados a romances; contos; fábulas; lendas; novelas; crônicas entre outros conteúdos parecidos para nós lermos e interpretarmos na turma.

Participante 2: Então, essa pergunta é a mais fácil de responder. Como você sabe, o ensino da Guiné-Bissau leva-nos apenas a memorizar conteúdos. Nas

escolas públicas da Guiné-Bissau, não há muita abertura para levar os alunos a escrever, praticamente não sabia muito sobre produção escrita. Nessa altura que estudava lá, conhecia pouco sobre gêneros textuais. Só iniciei a aprender a escrever alguns gêneros, ata e resumo sobretudo, quando me mudei para a escola privada São José – uma das melhores escolas privadas do país. Ali os professores trabalham mais porque são pagos na hora, têm cuidado para não serem demitidos.

Participante 3: Em relação a esta segunda questão, para ser sincero, não me deparei com produção de gêneros textuais ao longo do meu ensino secundário.

Participante 4: É o seguinte: a respeito dessa pergunta, antes de eu ingressar na Unilab já sabia escrever alguns gêneros textuais. Por exemplo: já sabia escrever diários e produzir artigo de opinião. [Onde você cursou o seu ensino secundário?] Isso sempre em escolas privadas. É por isso que costumo dizer que tive sempre privilégio de estudar nas melhores escolas privadas. Passei por várias dessas escolas, mas é na escola Betel que concluí o meu ensino secundário.

Participante 5: Antes da minha chegada à Unilab, confesso que não conhecia muitos gêneros textuais, salvo resumo, porque na escola em que estudava o professor nos falava para fazer resumo de alguns textos. Foi assim que aprendi a fazer resumos.

A pergunta procurava saber sobre o conhecimento e o domínio de produção escrita de gêneros textuais por parte dos estudantes. Vimos que, dentre os 5 participantes, 3 deles confirmaram não ter domínio da escrita de gêneros textuais escritos. Participante 1 disse que antes da sua chegada à UNILAB já conhecia alguns gêneros textuais, mas ao falar de gêneros textuais ele acabou mencionando: narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injuntivo”. Inferimos que, provavelmente, não havido ficado claro para ele a distinção entre gêneros textuais e tipos textuais, por ter repetido esse erro com frequência na sua fala, talvez por não ser assunto corrente trabalhado em salas de aulas onde cursou o ensino secundário, antes de vir para o Brasil. Ainda na sua fala, percebemos que ele declarou apenas que conhecia gêneros porque o professor os levava para a sala de aula, mas não tratou da outra parte da pergunta que indagava sobre o domínio de produzir esses gêneros escritos. Participante 2 confirmou que “ nas escolas públicas da Guiné-Bissau não há muita abertura para levar os alunos a escrever e que,

praticamente, não sabia muito sobre produção escrita, nessa altura que lá estudava e que conhecia pouco sobre gêneros textuais”. O mesmo podemos entender da sua fala que, para além de revelar conhecer pouco sobre gêneros textuais, não veio a desenvolver a capacidade de escrever gêneros textuais ao longo do seu ensino secundário. Os participantes 3 e 5 também disseram ter tido contato com a produção de gêneros textuais ao longo dos seus percursos no ensino secundário. Já o participante 4, declarou conhecer e saber produzir vários gêneros textuais porque sempre tivera o privilégio de estudar nas melhores escolas privadas do país e ainda tivera a oportunidade de estudar todo o seu ensino secundário na Betel – uma das mais conhecidas escolas particulares do país pertencente à Igreja Adventista.

A conclusão a que chegamos é que a maioria dos participantes não conhecia e não dominava a escrita de gêneros textuais por não os ter aprendido na escola. Talvez o leitor deste artigo possa questionar: se não conhecessem e não soubessem produzir gêneros textuais, como conseguiram passar na prova de admissão da UNILAB que tem a redação como a sua principal prova? Bem, apesar de que a resposta vá ser dada com mais detalhes no questionamento seguinte, é relevante informar de imediato que a maioria dos estudantes participou de um programa privado de orientação e explicações antes de participar da prova de redação. Logo, é possível que o aluno participe desse curso preparatório sem saber muito sobre gêneros textuais, pois o foco do curso é no aprender a redigir modelos de textos escritos que a UNILAB pede na prova de admissão.

A respeito da produção de gêneros textuais sem muito conhecimento prévio na escolarização, entendemos que os estudantes guineenses deveriam ter, no mínimo, conhecimento de como construir uma redação segundo o modelo que a UNILAB privilegia na prova de admissão, já que é a universidade com mais guineenses na diáspora e é também a universidade em que os guineenses mais participam em processo seletivo, chegando a atingir cerca de 2.000 (dois mil) inscritos de uma única vez num processo seletivo (vide lista dos estudantes inscritos do processo seletivo dos estudantes guineenses do Edital 1/2020). Considerando a continuidade da vida académica dos estudantes guineenses, nesse sentido, faz todo sentido trabalhar gêneros textuais, a redação opinativa sobretudo, em salas de aulas do ensino secundário. A esse respeito, Ferrarezi Júnior e Carvalho (2015) nos exortam que «[...] ele [o professor]

precisa saber [...] como usar a avaliação de redação para aprimorar as habilidades do aluno, para fazer com que o produto seja melhor em seu resultado, para desenvolver no aluno um senso de qualidade textual» (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2015, p. 40).

O conhecimento de produção escrita que você adquiriu ao longo do seu percurso no ensino secundário foi suficiente para passar nessa prova de redação ou participou em uma aula particular para poder participar no processo seletivo?

Participante 1: Olha, como eu já falei, eu praticamente não sabia nada o que era a produção escrita, ou seja, eu não sabia porque eu não fui ensinado isso durante o meu ensino secundário. O que é que eu fiz depois de eu finalizar o meu ensino secundário, percebia que o meu nível da língua portuguesa era tão fraco e decidi-me ir fazer concurso no centro cultural do Brasil em Bissau, assim para eu puder reforçar o meu nível da escrita e consequentemente aprender também outros conteúdos da língua portuguesa. Em termos da produção escrita na verdade eu me ensinei isso através do processo do associativismo. Por exemplo: no meu bairro havia uma organização dos jovens do bairro que faziam reuniões praticamente em todos os domingos de cada semana, foi ali que eu aprendi fazer ata de uma reunião, relatório entre outros.

Participante 2: Então, para se inscrever no processo seletivo da Unilab, eu tenho constatado os estudantes a pagarem as explicações antes de fazer a prova de admissão. No meu caso, eu não participei das aulas de explicações. Pode ser que eu não tinha todo esse conhecimento e domínio de produzir redação, mas eu participei da prova de redação sem pagar explicação. Apenas, ao longo da preparação, troquei redações com o meu irmão – escrevia minha redação e mandava para ele corrigir e ele também mandava para mim a sua redação para eu corrigir, assim sucessivamente até no dia da prova.

Participante 3: É assim, como tinha dito antes, no 10º, 11º e 12º ano não deparei com produção escrita. Quanto a minha participação na Unilab, tive que correr atrás de alguns professores para poder aprender sobre redigir uma redação do tipo que a Unilab pede na prova de admissão. Se não tivesse andado por esse caminho, não daria certo comigo na Unilab.

Participante 4: No meu caso, o conhecimento que adquiri ao longo do meu ensino secundário foi suficiente para participar da prova de redação da Unilab. Quando me inscrevi, antes da prova, fiz várias redações em casa para exercitar, mas muitos colegas me diziam para ir pagar explicação e eu falei para eles que não tenho dinheiro por isso prefiro ficar em casa exercitando.

Participante 5: Realmente, não foi suficiente para mim. E eu creio que o co-

nhcimento de produção escrita no ensino secundário não foi suficiente para muito alunos participarem da prova de redação da Unilab. Eu tive que procurar explicação para poder participar do processo seletivo. Como você sabe, há muitas greves em cada ano letivo e isso faz sempre com que não conseguíssemos tomar a matéria completa.

Segundo a maioria dos participantes desta pesquisa, o conhecimento que tiveram sobre produção escrita após concluírem o ensino secundário não foi suficiente para participar do processo seletivo da UNILAB, o que era de se esperar de acordo com as suas falas anteriores.

Interessante neste caso é que quase todos os relatos dão conta de que os participantes tiveram que arrumar uma alternativa para poder participar da prova de redação do processo seletivo por não exibirem nível suficiente de produção escrita. Por exemplo, Participante 1: “[...] o que é que eu fiz depois de finalizar o meu ensino secundário? Percebia que o meu nível da língua portuguesa era tão fraco e decidi-me ir fazer concurso no centro cultural do Brasil em Bissau, assim para eu poder reforçar o meu nível da escrita e consequentemente aprender também outros conteúdos da Língua Portuguesa”. Participante 2 disse-nos que não pagou explicação (aulas particulares pagas). Disse que fez vários exercícios de redações, trocando redações com o seu irmão antes da prova, mas foi convidado para participar de um programa pago de explicações. Participante 3 disse que foi atrás de um professor que lhe deu aulas particulares para que pudesse participar dessa prova de redação. Participante 4, que estudou numa das melhores escolas privadas do país, disse que o conhecimento que teve após terminar o ensino secundário foi suficiente para participar da prova de redação, mas disse que foi convidado também para participar das explicações pagas. Participante 5 disse que teve de procurar instrução privada para poder participar do processo seletivo. O conhecimento que teve sobre produção escrita, após terminar o ensino secundário, não foi suficiente para passar no processo seletivo, tendo em conta várias paralisações que acontecem ao longo do ensino secundário devido às intermináveis greves dos professores.

Após estes relatos, a nossa pergunta é a seguinte: será que professores, pais/encarregados de educação dos alunos e governo não sabem dessa situação? E se soubessem, por que não procuram solução para essa situação?

Para responder essas perguntas retóricas, é de dizer que temos a impressão de que todos esses responsáveis sabem da situação, pois, provavelmente, não há família guineense que não tenha um familiar estudando na UNILAB ou que pelo menos tenha participado desse processo seletivo, isso devido à pouca densidade populacional do país. Inferimos que a situação não foi ultrapassada devido à falta de atualização do currículo escolar por parte dos responsáveis. E os professores às vezes são vítimas desse sistema, pois, por falta de autonomia, eles estão só para cumprir o que está de acordo com o currículo facultado pelo Ministério da Educação do país.

Dessa forma, nós entendemos que há uma necessidade de atualizar o sistema educativo guineense, em específico o ensino de LP no país, dando espaço à produção de gêneros textuais para, assim, facilitar a vida dos estudantes que pretendem continuar os seus estudos. Falando de mudança, acreditamos que ela deva sempre ocorrer quando houver necessidade para tal, como neste caso. A isso Hengemuhle (2007) nos exorta para que a mudança não ocorra espontaneamente, repentinamente, e a esmo ao sabor de pressões eventuais. É preciso construí-la aos poucos de acordo com a situação geral do país ou das regiões que atravessam crises e que se lançam a buscar soluções orgânicas num plano articulado e abrangente de ações.

Considerações finais

Por meio do resultado, chegamos à conclusão de que os participantes da pesquisa conheciam menos e praticavam menos a redação opinativa antes de ingressarem na Unilab, o que acaba dificultando muitos durante o processo seletivo que participaram para ingressar na Unilab. Sendo assim, para ingressar nos cursos de graduação que, agora, estão cursando, alguns deles foram obrigados a procurar explicações pagas, como muitos participantes desse processo seletivo, para poder garantir suas aprovações no processo seletivo, pois não aprenderam muito sobre produção de gêneros textuais durante o ensino secundário.

Segundo os participantes, o ensino público guineense referente às aulas de Língua Portuguesa

é muito centrado no ensino de aspectos gramaticais, baseado na gramática normativa, onde os exemplos são retirados literalmente da gramática, sem muito espaço para produção de gêneros textuais.

Partindo desta situação dos estudantes, concluímos que vale a pena o ensino de gêneros textuais, produção escrita, ensino de redação de artigo de opinião sobretudo, numa perspectiva de interação, onde possam ganhar mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa na Guiné-Bissau, visto que “o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade” (SCHNEUWLY, et al., 2004, p. 44). Adotando o processo de letramentos de produção escrita no ensino guineense, ensino de redação de artigo de opinião neste caso, acreditamos que muitos problemas de estudantes que procuram estudar na diáspora, na Unilab sobretudo, serão minimizados, permitindo a continuidade de estudos desses jovens guineenses com menos dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra]. – 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos. [Tradução Ana Rachel Machado e Péricles Cunha]. – São Paulo: EDUC, 1999.

CENPEC. Pontos de Vista. Caderno do docente: orientações para produção de textos do gênero artigo de opinião. Coordenação: Maria Aparecida Laginestra. Autores: Ana Luiza Marcondes Garcia, Ana Paula Severiano, Egon de Oliveira, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral. – 7ª Edição, Cenpec, 2021. Coleção da Olimpíada.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. Produzir Textos na Educação Básica: o que saber, como saber. –1. ed. –São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GRADO, Katlen Bohm. O letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, concei-

tuação e relações com a escolarização. IX ANPED SUL (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul), 2012.

HENGEMUHLE, Adelar. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. –São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Célia de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. – 10. ed. – São Paulo: Hucitec, 2007.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 28, n. 2, 433-465, jul./dez. 2010.

SANÉ, Samba. Os desafios da educação na Guiné-Bissau. Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v.1, p. 55-77, jan/jun 2018.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 61-78.

SILVA, Cleiton Reidorfer; PINTON, Franciele Matzenbacher. Mapeando a escrita de estudantes do ensino fundamental: Em foco o artigo de opinião. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(58.3): 1084-1112, set./dez. 2019.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Jan /Fev /Mar /Abr. 2004, nº 25.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

UNESCO. Relatório de estado do sistema educativo nacional de Guiné Bissau. Polo de Dakar do II-PE-UNESCO, 2016. Acesso em << https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247043_por>> às

08h do dia 20 de janeiro de 2019.